

1

Introdução

Pretende-se, neste estudo, demonstrar a coerência interna do percurso filosófico de Michel Foucault, quando considerado desde o ponto de vista utilizado pelo filósofo, ao definir toda a sua obra como uma problematização da questão do sujeito.

Em um ensaio, intitulado *O sujeito e poder*, escrito em 1982, Foucault afirma que é o sujeito que constitui o tema geral, o fio condutor, das suas pesquisas:

Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi elaborar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de uma tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos. Meu trabalho lidou com três modos de objetivação que transformam seres humanos em sujeitos. O primeiro é o modo da investigação, que tenta atingir o estatuto de ciência, como, por exemplo, a objetivação do sujeito do discurso na *grammaire générale*, na filologia e na lingüística. Ou ainda, a objetivação do sujeito produtivo, do sujeito que trabalha, na análise das riquezas e da economia. Ou, um terceiro exemplo, a objetivação do simples fato de estar vivo na história natural ou na biologia. Na segunda parte do meu trabalho, estudei a objetivação do sujeito naquilo que eu chamarei de “práticas divisoras”. O sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros. Esse processo o objetiva. Exemplos: o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os “bons meninos”. Finalmente, tentei estudar _ meu trabalho atual_ o modo pelo qual um ser humano torna-se sujeito. Por exemplo, eu escolhi o domínio da sexualidade_ como os homens aprenderam a se reconhecer como sujeitos de “sexualidade”. Assim, não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral das minhas pesquisas.¹

A partir da leitura dessa declaração, em que o filósofo considera retrospectivamente toda a sua trajetória, levando em conta apenas os livros publicados a partir de *História da loucura*, em 1961, surgiu a hipótese², a ser

¹ Foucault, M. “O sujeito e o poder”. In: Dreyfus, e Rabinow, P. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*, p.231-232

² Tal hipótese que surgiu da leitura dessa declaração, será demonstrada ao longo deste estudo, no entanto, a partir de uma divisão da questão do sujeito na obra de Foucault um pouco diferente da divisão empreendida pelo filósofo nessa declaração. E isto com o fim de que se possa seguir a interpretação tradicional que divide o percurso filosófico de Foucault nas fases arqueológica e genealógica e sub-divide a fase genealógica em uma analítica do poder e numa ética. Para tanto,

demonstrada nesse estudo, de que a questão do sujeito confere uma espécie de coerência interna ao percurso filosófico de Michel Foucault. Coerência esta, que não é sinônimo de linearidade, de unidade ou de continuidade, o que contrariaria os pressupostos metodológicos próprios do filósofo estudado, mas que constitui um resultado da crítica mesma, empreendida por Foucault, à linearidade, da sua recusa da identidade, da sua vontade de não produzir uma unidade.³

Essa coerência interna do percurso filosófico de Foucault conduziria as suas pesquisas, de uma problematização da objetivação do sujeito por “práticas epistêmicas”, acompanhada da crítica mesma à noção de sujeito, passando pela problematização da objetivação disciplinar e normalizadora, à problematização da subjetivação do sujeito pelas chamadas “práticas de si”, vista como uma alternativa para os impasses característicos da objetivação do sujeito.

Trata-se, então, de partir, da descontinuidade radical do percurso filosófico foucaultiano, a fim de demonstrar a coerência mesma desse percurso, quando considerado do ponto de vista da problematização, empreendida pelo filósofo, ao longo da sua obra, da questão do sujeito. No decorrer desse estudo, procurar-se-á mostrar que essa coerência, mesmo sendo complexa, existe, e que o percurso filosófico de Michel Foucault, mesmo envolvendo numerosas transformações metodológicas e conceituais, possui uma profunda articulação.

Tomar-se-á, em consideração, a periodização tradicionalmente adotada que separa a obra de Foucault em três etapas correspondentes às três décadas de trabalho do filósofo e instaura duas grandes cesuras no seio do percurso foucaultiano. A da passagem de um trabalho lingüístico e literário, centrado no campo discursivo, à uma reflexão política, que toma a forma de uma analítica do poder e envolve as práticas e as estratégias, e aquela que aparentemente abandona os temas políticos e retoma o tema da sujeito, que, entretanto, não teria sido abandonado na “década política”, e

reuniram-se *História da loucura, O nascimento da clínica e As palavras e as coisas* em um mesmo conjunto, no qual Foucault descreve a objetivação do sujeito pelo que se chama aqui de “práticas epistêmicas”. Reuniram-se *Vigiar e punir* e o primeiro volume da *História da sexualidade, a vontade de saber* num outro grupo, no qual Foucault descreveria a objetivação do sujeito por práticas disciplinares, confessionais e normalizadoras. E reuniram-se os dois últimos volumes da *História da sexualidade* e o curso *A hermenêutica do sujeito* em um outro conjunto, no qual Foucault analisa a subjetivação do sujeito por práticas de si.

³ Revel, Judith. *Michel Foucault: experiences de la pensée*.

aparece, na década de oitenta, sob os temas da invenção de si mesmo e da produção de subjetividade, que representam a abertura das pesquisas de Foucault a uma outra dimensão, que seria a dessa “ética” presente em seus últimos trabalhos. É assim que se inicia esse estudo com o tema da objetivação do sujeito pelo que se chama aqui de “práticas epistêmicas” e com o tema da crítica ao sujeito constituinte, analisando a questão do sujeito na década de sessenta, centrada no campo discursivo. Em seguida, analisa-se a objetivação do sujeito por práticas disciplinares, confessionais e normalizadoras, analisando a questão do sujeito na década política, a década de setenta. E, por fim, estuda-se a subjetivação do sujeito por práticas de si, analisando a questão do sujeito no âmbito do que Foucault chama de “ética” em seus últimos trabalhos na década de oitenta.

A hipótese, que se lê no título desse estudo, é a de que a questão do sujeito faz a ligação entre o que Hubert Dreyfus e Paul Rabinow dividiram em dois grandes blocos, o da análise dos discursos, a arqueologia das ciências humanas, e o da analítica do poder, a genealogia do presente, que envolve também as análises da subjetivação do sujeito por práticas de si. A coerência dessa ligação entre a arqueologia e a genealogia estaria no modo como Foucault problematiza a questão do sujeito em todo o seu percurso filosófico, isto é, sob a forma de uma “espiral crescente”⁴, onde a problematização da objetivação do sujeito pelas ciências humanas, isto é, da emergência do sujeito a partir das práticas epistêmicas, se amplia até atingir as práticas não discursivas e as estratégias, numa nova problematização da objetivação do sujeito, isto é, da emergência do sujeito, desta vez, a partir de práticas disciplinares e confessionais, e, enfim, de práticas normalizadoras, que envolvem as epistêmicas, as disciplinares e as confessionais. Em seguida, Foucault continua a sua genealogia do presente, estudando a subjetivação do sujeito pelo que ele chamou de “práticas de si”, onde o sujeito se autoconstitui através da relação consigo, com a ajuda de técnicas de si, no lugar de ser constituído por práticas discursivas ou de dominação.

A coerência interna do percurso filosófico de Michel Foucault, portanto, pode ser demonstrada, a partir de um estudo da maneira como Foucault atingiu o seu

⁴ Revel, Judith. *Michel Foucault: expériences de la pensée*.

objetivo, que era o de “criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos.”⁵ Os termos objetivação e subjetivação, no pensamento de Foucault, designam esse processo de constituição de um sujeito ou de uma subjetividade. O processo de constituição de um sujeito corresponde a dois tipos diferentes de análise empreendidos por Foucault. A análise dos modos de objetivação, que transformam os seres humanos em sujeitos, nos quais o sujeito é objetivado por práticas objetivantes. E a análise dos modos de subjetivação, isto é, da maneira pela qual uma relação consigo, através de práticas de si, permite que o sujeito se autoconstitua como sujeito de sua própria existência.

Nos livros e cursos analisados, neste estudo, Foucault pretende traçar essa história da constituição do sujeito, estudando os modos de objetivação do sujeito presentes na modernidade e oferecendo os modos antigos de subjetivação do sujeito como uma espécie de resistência ou de alternativa à objetivação moderna.

A fim de demonstrar essa coerência interna do percurso foucaultiano, dividiu-se, este estudo, em duas partes. Na primeira parte, estuda-se a objetivação do sujeito pelo que se chama aqui de práticas epistêmicas, isto é, pelas práticas objetivantes das ciências humanas. Analisa-se, então, a objetivação do sujeito por práticas epistêmicas em *História da loucura*, em *O nascimento da clínica* e em *As palavras e as coisas*. Nesta primeira parte da tese, estuda-se também o modo como Foucault critica a a-historicidade do sujeito constituinte, analisando –se duas obras, onde essa crítica se faz presente: *As palavras e as coisas* e *A arqueologia do saber*. Na segunda parte da tese, estuda-se a objetivação do sujeito por práticas disciplinares, confessionais e normalizadoras, analisando-se *Vigiar e punir* e o primeiro volume da *História da sexualidade*, *A vontade de saber*. Ainda nessa segunda parte, em que se trata de estudar a questão do sujeito na genealogia do presente de Michel Foucault, estuda-se, por fim, concluindo a demonstração da hipótese acerca da coerência interna do percurso filosófico de Foucault, a subjetivação do sujeito por práticas de si, analisando-se os dois últimos volumes da *História da sexualidade*, *O uso dos*

⁵ Foucault, M. “O sujeito e o poder”. In: Dreyfus, H. e Rabinow, P. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. p.231

prazeres e *O cuidado de si* e o curso de 1982, no *Collège de France*, *A hermenêutica do sujeito*.

Foi decidido analisar de maneira privilegiada os livros aludidos, por Foucault, na declaração citada. No entanto, recorre-se a textos de outros livros, ensaios e cursos, sempre que estes possam esclarecer alguma questão conceitual ou metodológica. O livro *A arqueologia do saber* é analisado devido à sua importância no que diz respeito à crítica ou destituição do sujeito constituinte empreendida por Foucault na arqueologia. O curso *A hermenêutica do sujeito* é analisado, numa seção própria, devido ao fato de o seu conteúdo ser fundamental para a elucidação dos modos de subjetivação a partir das práticas de si juntamente com os dois últimos volumes da *História da sexualidade*.

A questão do sujeito, que liga a arqueologia à genealogia, no percurso foucaultiano, é tratada como sendo objeto de uma “problematização”, empreendida pelo filósofo em sua história do pensamento. Por “problematização”, Foucault entende o conjunto de práticas discursivas ou não-discursivas que insere qualquer coisa no jogo do verdadeiro e do falso e constitui-a como objeto para o pensamento, de modo que a história do pensamento passa a se interessar por objetos, regras de ação ou modos de relação consigo, na medida em que problematiza-os, em se interrogando sobre sua forma histórica singular e sobre o modo como representam um certo tipo de resposta a um certo tipo de problema numa época determinada.

Procurou-se ainda, ao longo desse estudo, demonstrar a coerência interna do percurso filosófico de Michel Foucault, considerando os textos do filósofo em sua riqueza de uma experimentação antes de tudo centrada na escrita, isto é, de um exercício *étopoiético* que transforma a verdade em *ethos* e que pode conferir um valor de experiência e de invenção de si mesmo ao pensamento. É por meio de um pensamento coerente da questão do sujeito, que Foucault evidencia, ao longo do seu percurso, o movimento de constituição histórica dos discursos, das práticas, das relações de poder e das subjetividades e convida seus leitores, através da análise de determinados conteúdos históricos, a fazer, com ele, uma experiência daquilo que nós somos, do que foi o nosso passado e do que é o nosso presente, uma experiência da nossa modernidade, portanto, da qual possamos sair transformados.